

# Jorge Luis Borges – Poema da quantidade

Penso nesse parco céu puritano  
De solitárias e perdidas luzes  
Que Emerson olharia tantas noites  
Em meio à neve e ao rigor de Concord.  
Aqui são excessivas as estrelas.  
O homem é excessivo. As gerações  
Inúmeras de aves e de insetos,  
Do jaguar constelado e da serpente,  
De galhos que se tecem e entretecem,  
Do café, da areia e das folhas  
Oprimem as manhãs e nos prodigam  
Seu minucioso labirinto inútil.  
Talvez cada formiga que pisamos  
Seja única ante Deus, que a define  
Para a execução das regulares  
Leis que regem Seu curioso mundo.  
Não fosse assim, o universo inteiro  
Seria um erro e um oneroso caos.  
Os espelhos do ébano e da água,  
O espelho inventivo de um sonho,  
Os líquens e os peixes, as madréporas,  
Tartarugas alinhadas no tempo,  
Os vaga-lumes de uma única tarde,  
As araucárias e suas dinastias,  
As perfiladas letras de um volume  
Que a noite não apaga são sem dúvida  
Não menos pessoais e enigmáticas  
Que eu, que as confundo. Não me atrevo  
A julgar nem a lepra nem Calígula.

**Jorge Luis Borges, Poesia**